



**SUPERINTENDÊNCIA  
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

[www.suframa.gov.br](http://www.suframa.gov.br)

# **Clipping Local e Nacional On-line**

**Nesta edição 11 matérias**

**Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM**

**Manaus, quinta-feira, 7 de abril de 2011**

<b>DIÁRIO DO AMAZONAS</b> Indústria do Amazonas cresceu 4,6% em fevereiro, revela IBGE .....	1
VEICULAÇÃO LOCAL	
<b>O ESTADO DE SÃO PAULO</b> TOMA, QUE O DÓLAR É TEU .....	3
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>FOLHA DE SÃO PAULO</b> BNDES PODERÁ FINANCIAR AEROPORTOS.....	5
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>VALOR ECONÔMICO</b> CHINA DEVE ASSINAR COM BRASIL ACORDOS EM PETRÓLEO E ENERGIA .....	6
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>VALOR ECONÔMICO</b> INDÚSTRIA VÊ OBSTÁCULOS PARA AUMENTAR EXPORTAÇÕES.....	8
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>VALOR ECONÔMICO</b> Guerra dos relógios vai à Justiça.....	9
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>BRASIL ECONÔMICO-SP</b> RESERVAS ATRELADAS AO PIB CAUSAM POLÊMICA .....	11
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>BRASIL ECONÔMICO-SP</b> INDÚSTRIA DE BRINQUEDOS REFORÇA ESTRATÉGIA CONTRA PRODUTOS CHINESES.....	12
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>BRASIL ECONÔMICO-SP</b> JOSÉ DIRCEU.....	13
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>AMAZONAS NOTÍCIAS</b> Indústria da Zona Franca de Manaus pode dar férias coletivas devido à falta de insumos japoneses.....	14
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>AMAZONAS NOTÍCIAS</b> Porto de Manaus receberá investimentos de R\$ 89,4 milhões .....	15
VEICULAÇÃO NACIONAL	

	VEÍCULO <b>DIÁRIO DO <u>AMAZONAS</u></b>	EDITORIA
	TÍTULO <b>Indústria do <u>Amazonas</u> cresceu 4,6% em fevereiro, revela IBGE</b>	
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO LOCAL

Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral apresentou crescimento de 2,0%, quarto resultado positivo consecutivo, acumulando nesse período ganho de 9,2%.

**Manaus** - Em fevereiro de 2011, de acordo com pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o setor industrial do **Amazonas** assinalou avanço de 4,6% no confronto com o mês anterior, na série com ajustamento sazonal, após ter registrado crescimento de 1,4% em janeiro. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral apresentou crescimento de 2,0%, quarto resultado positivo consecutivo, acumulando nesse período ganho de 9,2%.

Em relação a fevereiro de 2010 o setor industrial mostrou crescimento de 11,1%, resultado mais intenso desde os 16,5% registrados em julho do ano passado. O índice acumulado no primeiro bimestre do ano registrou avanço de 5,6%. A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, prosseguiu assinalando resultado positivo (13,0%), embora com redução no ritmo de crescimento desde setembro de 2010 (16,5%).

A **produção** industrial do **Amazonas**, com expansão de 11,1% em fevereiro de 2011, se mantém positiva no indicador mensal desde novembro do ano passado. Entre as onze atividades pesquisadas, nove apresentaram crescimento, com outros equipamentos de transporte (39,9%) e equipamentos de instrumentação médico-hospitalares, ópticos e outros (98,6%) apontando contribuições de refino de petróleo e **produção** de álcool (38,1%) e produtos de metal (28,5%).

Nestes segmentos destacaram-se, respectivamente, os itens: motocicletas; relógios; gasolina automotiva e óleo diesel; e aparelhos e lâminas de barbear. Por outro lado, a maior pressão negativa veio do setor de material eletrônico e equipamentos de comunicações (-

9,8%) influenciado, principalmente, pelo recuo na **produção** de televisores.

O indicador acumulado para o primeiro bimestre do ano assinalou crescimento de 5,6%, ritmo superior ao do último trimestre de 2010 (4,1%), ambas as comparações contra igual período do ano anterior. As indústrias de outros equipamentos de transporte (38,8%), equipamentos de instrumentação médico-hospitalares, ópticos e outros (92,2%), produtos de metal (25,1%) e edição e impressão (17,5%) foram as que mais influenciaram positivamente o resultado global nestes dois primeiros meses do ano, enquanto alimentos e bebidas (-20,4%) e material eletrônico e equipamentos de comunicações (-6,6%) foram os que exerceram os principais impactos negativos.

#### **Brasil**

Os índices regionais da **produção** industrial avançaram em nove dos 14 locais pesquisados entre janeiro e fevereiro de 2011 na série ajustada sazonalmente. Os destaques são Goiás (9,1%), Pernambuco (8,0%), Rio de Janeiro (5,1%), **Amazonas** (4,6%), Minas Gerais (3,4%) e Espírito Santo (2,2%), que apontaram crescimento acima da média nacional (1,9%). As outras regiões com taxas positivas foram: Ceará (1,4%), Rio Grande do Sul (1,2%) e São Paulo (1,1%). Entre as cinco áreas que reduziram a **produção**, Paraná (-10,5%) e Bahia (-8,8%) registraram quedas mais elevadas que Pará (-2,0%), região Nordeste (-1,1%) e Santa Catarina (-0,2%).

A **produção** também cresceu em oito dos 14 locais pesquisados na comparação com fevereiro do ano passado. Isso reflete não só uma maior **produção** no início do ano, como ainda o “efeito calendário”, pois, em 2011, fevereiro teve dois dias úteis a mais que em 2010. Com avanços maiores que o observado em nível nacional (6,9%) figuraram Espírito Santo (14,4%), **Amazonas** (11,1%), Paraná (9,4%), Minas Gerais

(8,8%), Rio Grande do Sul (7,9%) e Rio de Janeiro (7,0%). Os demais resultados positivos foram em São Paulo (6,8%) e Santa Catarina (4,1%). Bahia (-15,6%) teve a queda mais acentuada, refletindo uma menor **produção** no setor químico (-48,0%), graças à paralisação da atividade causada pelo desligamento do setor elétrico, que afetou a região Nordeste no início de fevereiro. Também registraram resultados negativos: região Nordeste (-9,1%), Pernambuco (-3,4%), Goiás (-2,2%), Ceará (-1,6%) e Pará (-1,5%).

No indicador acumulado para o primeiro bimestre do ano, o avanço da **produção** atingiu nove dos 14 locais pesquisados. Cinco cresceram acima da média nacional (4,6%): Paraná (13,8%), Espírito Santo (11,7%), Minas Gerais (6,0%), **Amazonas** (5,6%) e São Paulo (5,1%). Nessas áreas, o dinamismo foi influenciado pela ampliação na fabricação de bens de consumo duráveis (automóveis e telefones celulares) e de setores produtores de bens de capital, além da recuperação das atividades tipicamente **exportadoras**, especialmente

as commodities. Com ganhos menores que a média, Rio de Janeiro (4,4%), Santa Catarina (3,3%) e Rio Grande do Sul (2,0%) completaram o conjunto de locais com taxas positivas. Os resultados negativos foram: Goiás (-1,6%), Pernambuco (-3,7%), Ceará (-6,0%), região Nordeste (-7,5%) e Bahia (-12,1%).

No confronto com o índice do último trimestre de 2010, o acumulado para o primeiro bimestre de 2011, ambas as comparações contra igual período do ano anterior, apontou ligeira aceleração de ritmo em nível nacional, ao passar de 3,3% para 4,6%, movimento acompanhado por seis dos 14 locais pesquisados, com destaque para Paraná (de 3,5% para 13,8%), Espírito Santo (de 6,6% para 11,7%), São Paulo (de 2,8% para 5,1%) e Santa Catarina (de 1,3% para 3,3%). Goiás (de 15,0% para -1,6%) e Pará (de 11,5% para 1,1%) apontaram as principais reduções de ritmo entre os dois períodos.

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>TOMA, QUE O DÓLAR É TEU</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

### Alberto Tamer - O Estado de S.Paulo

**A economia brasileira vai bem, as outras vão mal, o que é ruim. Atrai mais dólares, que valorizam o real, o que ajuda conter a inflação com importações baratas, mas prejudica as indústrias e as exportações. Até agora, US\$ 35,2 bilhões, quase 45% a mais que em todo o ano passado.**

O refrão é velho. Tem dinheiro demais. Não se encontra a solução adequada para equilibrar crescimento, inflação e contas externas. A novidade - são duas em uma - é que a agência de classificação de risco Fitch disse que o Brasil melhorou ainda mais. Falta apenas acertar o ajuste fiscal, o que, parece, já está fazendo.

Ao mesmo tempo, o FMI decidiu aceitar que os países-membros controlem o fluxo de capitais que valorizam excessivamente suas moedas. Mas só devem fazê-lo depois de esgotar todas as medidas internas.

A cartilha do FMI. Para não se aventurar em medidas heterodoxas, como controle de capitais, o Fundo anunciou uma "cartilha" com propostas a serem adotadas pelos países emergentes, como o Brasil, que estão sendo inundados por capitais externos e continuam aumentando as reservas cambiais. A cartilha é só para os emergentes, é lógico, não para os países ricos. Os países do G-7, que andam mal das pernas, tiveram que trazer os juros para perto de zero - negativos em termos reais - e ainda não se recuperaram da crise que eles mesmos provocaram. E, acreditem, o FMI nem menciona a China que não está nem aí para o que o FMI ou OMC dizem.

Sem paixões. Esse é um tema delicado do qual se deve aproximar sem paixões inspiradas por nacionalismo. O Fundo deixou claro que cada país deve agir de acordo com situações específicas. Ninguém está

sendo obrigado a nada, o Fundo dá a entender, mesmo porque é apenas uma "cartilha".

Mas o que está acontecendo na economia mundial que levou a essa situação atípica de desequilíbrios financeiros em que alguns países emergentes tenham acumulado reservas e outros se endividaram? E como corrigir isso?

Martin Wolf, principal economista do Financial Times, e de longe, o melhor entre os analistas da imprensa mundial, em artigo de ontem, transcrito pelo Valor, cita vários estudos que chegam a uma conclusão interessante. O que está havendo, diz o presidente do Banco da Inglaterra, Mervyn King, é uma espécie de subida "morro acima". Há muito tempo o setor privado vem tentando enviar um grande fluxo líquido de capitais dos mais lentos países ricos para os países emergentes, mais dinâmicos.

Numa forma mais ou menos caricatural, mas compreensiva, os países ricos trazem os juros reais para perto de zero e injetam liquidez nos seus mercados. Mas esses capitais, por causa do menor rendimento e risco maior, correm para os países emergentes, que acumulam reservas superiores a US\$ 4 trilhões. Esses dólares que entram nos emergentes, são transformados em reservas e dívida interna, mas só até certo ponto. Depois, os governos pegam esses dólares e investem de novo no mercado financeiro, mesmo com prejuízos, numa espécie de "toma que o dinheiro é teu".

E então? O recado para o G-7 é tratem de fazer o que fizemos na crise financeira, estimulem os mercados internos, cuidem de seu sistema financeiro, encontrem um equilíbrio interno. Crescendo, vocês vão produzir mais, empregar mais, importar mais, exportar mais. Não é fácil, lembram Martin Wolf, Mervyn King, do Banco da Inglaterra, e Alan Taylor, da Universidade da Califórnia, mas os países do G-7 precisam começar a agir em algum momento.

O que falta nos países ricos é decisão política do G-7. Talvez porque acreditam que os países emergentes poderão continuar crescendo ad infinitum, sustentando sozinhos, a recuperação mundial. Enquanto isso, pedem ao FMI que os enquadrem quando levantam barreiras e mandam o excesso de dólares de volta.

Então que cada um, como o Brasil, vai agir como pode, se defendendo de assaltos de liquidez vindos de fora, usando a arma do câmbio e do controle de capitais indesejáveis. Não é a solução ideal, mas é o que se pode fazer enquanto eles, os ricos, não fazem nada. E não há nenhum FMI da vida que altere isso...

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>BNDES PODERÁ FINANCIAR AEROPORTOS</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

**Presidente do banco estatal afirma que planeja injetar capital para reestruturações e ampliações de terminais**

**Segundo Coutinho, todos os projetos que tiverem consistência devem ser analisados rapidamente e apoiados**

**JANAINA LAGE**

**DO RIO**

O presidente do **BNDES** (Banco Nacional de **Desenvolvimento** Econômico e Social), Luciano Coutinho, afirmou ontem que o banco estatal poderá participar como financiador da reestruturação dos aeroportos.

As melhorias e as ampliações dos terminais são necessárias para atender o crescimento da demanda e o maior volume de passageiros durante a Copa de 2014.

A presidente Dilma Rousseff escolheu nesta semana Wagner Bittencourt de Oliveira, que ocupava o cargo de diretor de infraestrutura do **BNDES**, para ocupar a Secretaria Nacional de Aviação Civil, órgão responsável pela reorganização do setor.

De acordo com Coutinho, todos os projetos que tiverem consistência econômica serão analisados rapidamente e apoiados.

"Aeroportos no mundo inteiro são atividades muito rentáveis, especialmente os grandes aeroportos, que têm capacidade de sustentação e, portanto, capacidade de suportar financiamentos. Não vemos isso como problema, mas como oportunidade."

Se a proposta for adiante, esta será a primeira vez que o banco financiará mudanças na infraestrutura aeroportuária. Hoje, a Infraero é responsável pela administração de 67 aeroportos no país, que representam 97% do movimento de transporte no setor.

**TREM-BALA**

Coutinho defendeu ainda o projeto do trem-bala como uma forma de conectar os principais aeroportos.

O banco já faz parte das discussões do setor. Ele financiou no ano passado estudo realizado pela consultoria McKinsey com recomendações para os horizontes de 2014, 2020 e 2030.

O estudo conclui que o **Brasil** precisa mais do que dobrar sua capacidade nos aeroportos, de 130 milhões para 310 milhões de passageiros/ano.

A área de estruturação de projetos, que também pertencia a Bittencourt, foi responsável pela contratação do estudo de viabilidade da concessão à iniciativa privada do aeroporto de São Gonçalo do Amarante (RN).

O banco também contratou um estudo de reestruturação da Infraero, que está agora nas mãos do governo.

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>CHINA DEVE ASSINAR COM <u>Brasil</u> ACORDOS EM PETRÓLEO E ENERGIA</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

## Sergio Leo | De Brasília

**Parcerias entre estatais brasileiras e chinesas e cooperação em ciência e tecnologia dominam a lista de acordos a serem assinados durante a visita da presidente Dilma Rousseff à China, na próxima semana. A gigante trading Sinochem firmará com a Petrobras acordo para recuperação de petróleo em jazidas terrestres de difícil extração. A Sinopec assinará memorando de associação com a Petrobras para iniciar exploração ("farm in", no jargão do setor) de dois blocos de petróleo na bacia do Pará e Maranhão.**

A chinesa State Grid prevê assinatura de memorando de entendimento com a Eletrobras, com quem quer parceria para entrar nos leilões de geração de energia no Brasil. A estatal detém tecnologia de linhas de transmissão de 1.000 kV, inexistente no Brasil. Todos os acordos vêm sendo mantidos em sigilo, porque ainda estão em negociações finais.

As empresas pretendem aproveitar a visita de Dilma para sacramentar negociações que ocorrem desde 2010, e consolidam a presença chinesa em setores estratégicos no Brasil. A Sinopec, maior petrolífera chinesa, comprou em outubro 40% do capital da Repsol Brasil, e a Sinochem recentemente comprou ativos da norueguesa Statoil, avaliados em quase US\$ 3 bilhões. Em 2010, a State Grid pagou US\$ 1,7 bilhão por sete linhas de transmissão de energia.

Um dos acordos a serem assinados, com forte significado político, é o acordo de defesa entre os dois países, que cria a base legal para cooperação em tecnologias, pesquisa e intercâmbio de especialistas em defesa, além de ações conjuntas dos dois países. Por insistência de Dilma, a cooperação bilateral em ciência e tecnologia, porém, ao lado das discussões comerciais, será o maior destaque na agenda da viagem.

Dilma abrirá em Pequim um seminário sobre o tema, como um de seus primeiros compromissos no país. E a lista de acordos prevê dois acordos entre entidades chinesas com a Embrapa, um deles sobre agricultura tropical, que oficializará o laboratório virtual da estatal brasileira em Pequim (com facilidades para viagem de pesquisadores). Projetos de agricultura sustentável são o tema do segundo acordo com a estatal brasileira de pesquisa agrícola.

Os dois países assinarão acordos para troca de experiências em recursos hídricos, instalarão um centro de pesquisas Brasil-China em ciência e tecnologia - que deverá dar ênfase a pesquisas em nanotecnologia - e firmarão acordos de seus institutos de metrologia para troca de informações e metodologias científicas em segurança de produtos. Entre os acordos a serem assinados, há espaço até para um de cooperação em um material que só agora começou a despertar atenção de centros científicos e empresas no Brasil, o bambu.

"É um tema muito sério, especialmente na China", comentou o embaixador do Brasil em Pequim, Clodoaldo Huguene. "O país tem cerca de 400 usos para o bambu, da indústria têxtil à construção civil. O Estado do Paraná enviou uma missão recentemente, só para discutir o tema."

Huguene espera que a viagem de empresários brasileiros amplie o conhecimento do mercado chinês, aproveitando a estrutura de promoção comercial da embaixada, reformada para estimular o aumento no valor agregado das exportações brasileiras ao país.

No terreno das barreiras comerciais, os diplomatas já contam com o anúncio da abertura para venda de carne de porco brasileira à China e trabalham para remover restrições à entrada no mercado chinês de gelatina, frutas, especialmente cítricas, ovos e tabaco. "É coisa de grande magnitude, estamos tratando com o

maior produtor e o maior **mercado** do mundo", diz o embaixador brasileiro.

"Nos últimos anos, houve forte aumento quantitativo no relacionamento entre China e Brasil, o **comércio** saltou de US\$ 2 bilhões, em 2000, para US\$ 56 bilhões em 2010", comenta a subsecretária-geral de Política do Itamaraty, Maria Edileuza Fontenele Reis. "Estamos trabalhando agora em qualidade, valor agregado", diz. A coincidência entre a aprovação recente do 12º Plano Quinquenal na China e a promoção do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), no Brasil, cria condições para associação entre empresa dos dois países em investimentos de infraestrutura, defende ela.

A visita de Dilma foi precedida por missões dos ministros das Relações Exteriores, Antônio Patriota e do **Desenvolvimento**, Fernando Pimentel, que ouviram do

ministro de **Comércio** chinês, Chen Deming, declarações de interesse em ampliar as compras de produtos de maior valor agregado do Brasil.

Os brasileiros querem estímulo do governo chinês a mais iniciativas como a da empresa de telecomunicações ZTE, que anunciou a instalação de um parque fabril em São Paulo, e as do grupo Chong Qing Grain Group, que deve oficializar em Pequim o investimento de até US\$ 4 bilhões em um complexo industrial para o processamento de soja, uma processadora de fertilizantes e um sistema de armazenagem e logística de grãos em Barreiras, na Bahia.

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>INDÚSTRIA VÊ OBSTÁCULOS PARA AUMENTAR <u>EXPORTAÇÕES</u></b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

## De Brasília

**O Brasil transformou-se em país de alto custo em salário, tributos e infraestrutura e só tem chance de expandir vendas industriais à China aumentando a sofisticação em setores que exploram matérias-primas onde o país tem vantagens comparativas. É o que pensa o diretor-executivo da Confederação Nacional da Indústria (CNI), José Augusto Fernandes, um dos principais organizadores da missão comercial que acompanhará a presidente Dilma Rousseff, em viagem à China, na semana que vem.**

"Em curto prazo, o comércio com a China será ditado pelas commodities, não há como mudar", comenta Fernandes, rendendo-se à evidência de que produtos como minério de ferro, soja e petróleo ocupam quase 90% das exportações brasileiras aos chineses. "A estratégia para a China passa pela competitividade do Brasil", diz o representante da indústria, ao apontar os custos representados por impostos, insumos como energia e mão de obra no Brasil. "Se não enfrentarmos esses problemas internos, ficaremos sempre em uma agenda defensiva."

José Augusto Fernandes vê a possibilidade de fechamento de negócios pelos quase 300 empresários que acompanharão Dilma à China, aproveitando nichos de mercado naquele país. Mas alerta para a perda acelerada de competitividade dos produtores brasileiros, que deve se agravar com "bombas" já previstas para 2012, como o aumento bem acima da inflação para o salário mínimo.

O custo da energia no Brasil é, hoje, muito superior ao de 28 países industrializados, principalmente por causa dos tributos, que são 300% superiores aos cobrados na França ou Canadá, e 200% aos dos Estados Unidos ou Coreia do Sul.

A inflação no país agrava a perda de competitividade, que exigirá algum tipo de reforma tributária. "Não é só nossa capacidade de exportar na China que está em jogo, é a de nos defendermos aqui", diz o executivo da CNI.

As decisões até agora anunciadas como provável pacote de apoio à indústria, embora importantes, não alteram substancialmente o quadro institucional da tributação no país, avalia José Augusto Fernandes. O governo fala em reduzir gradualmente a tributação sobre folha de salários, mas deve transferir os encargos para o faturamento, reduzirá gradualmente o problema de acúmulo de créditos aos exportadores, mas não parece ter chances de mudar a estrutura dos impostos estaduais, que geram parte desses créditos com a cobrança indevida de impostos. E haverá alguma contribuição para empresa menores, com mudanças no chamado Simples, incentivando vendas ao exterior.

Os encontros de empresários durante a visita de Dilma deverão enfatizar a procura de nichos no mercado chinês e as oportunidades para atração de investimentos e associações de chineses no Brasil, com grandes obras de infraestrutura, apoio governamental à indústria de software e a setores como biocombustíveis, além do potencial de crescimento do consumo interno brasileiro. A comparação das condições para negócios no Brasil e na China, porém, é francamente favorável ao país asiático, dotado de uma infraestrutura moderna nos principais centros urbanos e a melhor logística voltada à exportação entre os países emergentes. (SL)

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Guerra dos relógios vai à Justiça</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

## Regis Filho/Valor

**Graziano, presidente do Grupo Magnum: "Não há problema em ter uma linha de troca-pulseira, mas igual não pode"**

A forte expansão nas vendas dos modelos de relógio troca-pulseiras, um dos segmentos responsáveis pelo atual bom momento do mercado relojoeiro no país, acabou levando as maiores empresas do setor à Justiça.

As vendas dessa linha de produtos da marca Champion, a líder no segmento, aumentaram duas vezes e meia neste ano, e a estimativa é que todas as fabricantes locais comercializem mais de 4,5 milhões de relógios troca-pulseiras em 2011. É mais da metade da previsão total de oito milhões de relógios a serem vendidos no Brasil no ano. Como todos querem um naco desse bolo, a disputa ganhou novos contornos.

No final do ano passado, o comando da Magnum, dona da Champion, presidida por Roberto Graziano, enviou uma notificação extrajudicial para as empresas Seculus, dona da Mondaine, e para a Technos, que controla a marca Mariner. No documento, a empresa informa que causou estranheza a semelhança no design dos relógios da Champion em relação aos produtos das rivais, lançados no ano passado. A Champion foi a primeira a relançar o produto no país em agosto de 2009, depois de já ter sido a primeira a fabricar a linha nos anos 80, quando foi um sucesso instantâneo. "Até o número dos aros do relógios deles eram iguais. Não há problema em ter uma linha de troca-pulseira, mas igual não pode", diz Roberto Graziano, presidente do grupo Magnum.

Em janeiro deste ano, um mês após receber a notificação da Champion, a Seculus decidiu se antecipar e entrou com um pedido de liminar na 1ª Vara Civil de Manaus (AM), para resguardar o direito da empresa de produzir e vender o produto. A Technos fez o mesmo em

novembro e obteve a liminar no mês seguinte. Neste momento, a Champion tenta cassar as duas liminares. "Isso foi feito para as empresas se protegerem", diz Fernando Eid Philipp, sócio do escritório Gusmão & Labrunie, que representa a Seculus e a Technos. "A Magnum não tem a patente ou o direito industrial do produto. Eles querem uma exclusividade para atuarem como monopólio".

O comando da Champion diz que não quer limitar as opções ao consumidor - as três marcas vendem o relógio com cinco pulseiras por preços de R\$ 149 a R\$ 159. E entende que a venda de linhas de produtos tão semelhantes, conta Graziano, pode confundir o consumidor. "Estamos vendendo muito. Parece um ato meio desesperado deles", diz. A juíza Joana Meirelles, que deferiu a liminar, esclarece que "a apresentação no mercado (merchandising) e respectivas embalagens são incapazes de causar confusão nos consumidores".

Como óbvio pano de fundo da disputa, está um crescimento acelerado das marcas nesse segmento. A Champion espera vender 3,5 milhões de troca-pulseiras em 2011, contra 2,8 milhões em 2010. Antes de lançar o novo modelo, a empresa vendeu, na soma total de suas marcas, cerca de 1 milhão de relógios em 2009. Neste ano, a demanda pelo produto já supera em duas vezes e meia o acumulado no ano passado. Conforme o Valor apurou, as empresas Seculus e Technos bateram a meta de venda da linha para o primeiro bimestre do ano.

Na Zona Franca de Manaus, onde estão as principais indústrias, o setor relojoeiro faturou R\$ 883,6 milhões em 2010, uma expansão de 52% em relação a 2009. Isso foi puxado por novas cores da linha de troca-pulseiras, pela chegada de novas marcas estrangeiras, que passaram a produzir em parceria com terceirizados, e pela ampliação do crédito na praça - os relógios no Brasil são vendidos em sua maioria, em até seis parcelas.

Apesar do aumento, há duas questões que preocupam o **mercado**. Estima-se que entrem ilegalmente no país dez milhões de relógios ao ano (a **produção** local deve chegar a oito milhões em 2011). E há risco de gargalo. "Boa parte de nossos mecanismos para o relógio, o motor do produto, são **importados** do Japão. E depois do tsunami, eles estão com problemas na **produção**", diz Graziano. "Eles dizem que só regularizam a entrega em dois a três meses. Temos estoques para uns 30 dias". A solução é recorrer aos fornecedores na Suíça, que já estão sobrecarregados com os pedidos, após a tragédia no Japão.

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
	TÍTULO <b>RESERVAS ATRELADAS AO PIB CAUSAM POLÊMICA</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

**Especialistas rebatem declaração de Tombini de que o estoque é moderado diante do tamanho da economia&shy; Simone Cavalcanti e Priscila Dadona**

**redacao@brasileconomico.com.br**

A declaração do presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, de que o nível das reservas internacionais é moderado se analisado como porcentagem do Produto Interno Bruto (**PIB**) e comparado a outras economias é refutada por alguns especialistas.

O volume desses recursos está em torno de US\$ 320 bilhões, recorde histórico para o Brasil, e deve ser ampliado ainda mais por conta da continuidade das intervenções da autoridade monetária para tentar conter a apreciação do real.

Tombini disse a interlocutores que a valorização do real veio para ficar dada a mudança do perfil da economia brasileira, com mais estabilidade e maior perspectiva de crescimento. Para ajudar, a agência Fitch Ratings elevou o Brasil à categoria BB, o que indica aos investidores externos que há menos riscos para aportar capital no país. "Vamos ter o câmbio apreciado por um bom tempo".

A avaliação do presidente do BC sobre a "moderação" do colchão cambial está calcada na seguinte preparação: enquanto a relação brasileira é e 15,02% do **PIB** há lugares, como Hong Kong, Arábia Saudita e Cingapura, que possuem mais reservas que o seu próprio **PIB**. Dentro do Bric, Rússia, Índia e China têm percentuais de 31,7%, 19,7% e 46,9%, respectivamente.

Para Nathan Blanche, sóciodiretor da Tendências, a comparação do BC está equivocada, pois deveria ser feita em relação ao risco país e ao passivo externo (dentro da relação reserva/ dívida) e não ao **PIB**. "Não houve benefício algum com o acúmulo de reservas, pois quem

determina as possibilidades de prejuízo é o prêmio de risco que, desde agosto de 2009 não mudou, enquanto as reservas só cresceram", afirma.

Blanche, que é considerado um dos mais **importantes** especialistas em câmbio, afirma ainda que a solução será deixar o câmbio flutuar sem intervenção para que o **dólar** encontre seu ponto de equilíbrio que, na opinião do especialista, está em R\$ 1,55. "Se mantém a cotação, artificialmente, viabiliza mais a entrada de capital estrangeiro".

O economista lembrou que o preço das commodities interferemna taxa de câmbio de países produtores destas matérias-primas. É o caso do Brasil, Austrália, Chile ou Canadá. "A moeda brasileira não aprecia mais que a destes países. Está no limite", afirma. Em 12 meses, o real registrou valorização de 8,92% em relação ao **dólar**, atrás do **dólar** australiano (11,26%) e do peso chileno (9,9%).

Importância das reservas O julgamento predominante é de que, se durante a crise internacional de 2008 o país não tivesse reservas robustas, a situação poderia ficar muito ruim. No entanto, Carlos Alievi, gestor e estrategista de câmbio da Infinity Asset, questiona que, se com US\$ 100 bilhões a menos o país se saiu particamente ileso da turbulência, não haveria necessidade de acumular mais estoque. "É um custo muito grande. O que precisa acontecer para termos que utilizar este excesso de recursos?". De forma prática, durante aquele período, as reservas foram usadas como uma espécie de linha de crédito aos **exportadores**.

As reservas também ajudam a melhorar alguns indicadores de solvência externa, por exemplo, o das dívidas de curto prazo. Segundo dados do BC, em 2003, a proporção entre as reservas internacionais e o endividamento era de 120,6% e caiu para 27,4% em janeiro passado.

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
	TÍTULO <b>INDÚSTRIA DE BRINQUEDOS REFORÇA ESTRATÉGIA CONTRA PRODUTOS CHINESES</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

**Intenção é reduzir de 57% para 30% a participação de itens importados no mercado brasileiro até 2016**

**Fábio Suzuki**

**fsuzuki@brasileconomico.com.br**

Maior fabricante de brinquedos o país, a Estrela inaugura oficialmente no início de maio sua nova fábrica na cidade de Ribeirópolis, em Sergipe. A maior capacidade de produção que a companhia terá é um reflexo dos esforços de toda a indústria nacional para fazer frente à importação dos produtos vindos da China, que representam cerca de 85% dos itens que entram no país. De acordo com a Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos (Abrinq), as importações corresponderam a 57% das vendas realizadas no ano passado e a intenção é reduzir esse índice para apenas 30% nos próximos cinco anos.

Para brecar a invasão dos produtos chineses no mercado brasileiro, o governo adotou no início do ano uma nova alíquota para a importação de brinquedos, que passou de 20% para 35%. A própria Estrela prevê uma redução no volume de itens importados, de 40% para 30% do total até o final deste ano. "É um modelo flexível que nos deixa atuar da maneira mais rentável para nós", afirma Carlos Tilkian, presidente da Estrela.

Segundo ele, a companhia investirá R\$ 15 milhões ao longo deste ano, montante 18% acima do realizado em 2010. Já a Grow afirma que a nova alíquota não influenciará a atuação da companhia por importar apenas 10% de seus produtos. "A importação que fazemos é mais pontual", diz Gustavo Arruda, gerente de marketing da Grow.

#### **Conversa na China**

O presidente da Abrinq, Sinésio Batista, acompanhará a presidente Dilma Rousseff em sua viagem à China com o objetivo de garantir padronização aos produtos que chegam ao Brasil. "A ideia é que atendam às nossas normas de qualidade e eles podem fazer isso", diz Batista, comentando que 20% das importações vindas do país asiático estão fora dos padrões. Segundo ele, o Brasil é responsável por 70 mil empregos na China devido ao volume de brinquedos importados.

A entidade pretende também conseguir um reforço da fiscalização junto aos importadores. "São cerca de 50 importadores que não trabalham corretamente e vamos pressionar."

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
	TÍTULO <b>JOSÉ DIRCEU</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

## Ex-ministro da Casa Civil e membro do Diretório Nacional do PT

### Negócios da China

A presidenta Dilma Rousseff embarca nesta semana para a China para encontrar-se com seu homólogo Hu Jintao e levar 300 empresários brasileiros ao país que mais cresce no mundo, para avaliar possibilidades de negócios. A reunião entre representantes dos dois Brics (grupo de países emergentes que reúne Brasil, Rússia, Índia e China) economicamente mais bem sucedidos - o segundo e o sétimo **PIBs** do mundo - será amais longa viagem internacional da presidenta, com razão. A agenda a tratar com a potência asiática é vasta, e inclui assuntos de suma importância para o **desenvolvimento** brasileiro nos próximos anos.

Em primeiro lugar, tem de constar da agenda de Dilma negociar o apoio da China por uma solução consensual para a guerra cambial e comercial global, que está desvalorizando o **dólar** e prejudicando o **comércio** dos países emergentes. Se puser o assunto em pauta, a presidenta se colocará em posição de porta-voz das nações em **desenvolvimento**, como a África do Sul, que passará a integrar formalmente o grupo chamado Bric a partir de um seminário a ser realizado na China. Outro tema político que não pode deixar de estar em debate é o apoio à admissão do **Brasil** como membro permanente do Conselho de Segurança, reivindicação que o presidente Barack Obama driblou com uma declaração lacônica de "apreço à ideia" e que a China tem oportunidade de abraçar, portando-se de acordo com a posição de grande potênciamundial do século 21 que o país caminha para ocupar - nossas diplomacias já têmdiversos pontos emcomum, como a oposição à intervenção na Líbia e às sanções contra o Irã.

São temas complexos, sobre os quais não vale nutrir esperança por resposta imediata ou propostas de curto prazo. Por outro lado, não faltam pontos nos quais **Brasil** e China podem e devem avançar rapidamente, como o esforço pelo equilíbrio da balança comercial com aquele que é, hoje, nosso maior parceiro: embora o Brasil esteja em situação de grande superávit em relação à China (cerca de US\$ 5 bilhões), é de nosso interesse abrir o **mercado** chinês para produtos de alto valor agregado, e não apenas commodities, como a soja.

A presidenta tem ainda a oportunidade de atrair empresários e o Estado chinês para investimentos conjuntos no Brasil, em áreas estratégicas como a agricultura e a exploração do petróleo, e também de permitir que as empresas brasileiras invistam na China e tenham oportunidade de crescer junto como país. É promissor, ainda, que o governo brasileiro tenha a oportunidade de atrair empresas chinesas para disputar a instalação do trem-bala Rio-São Paulo. E para isso o governo até suspendeu o prazo da concorrência por quatro meses, de olho na expertise que os chineses têm nessa área.

São laços que têm de ser reforça dos pelos governos de ambos os países, de forma a qualificar o já intenso intercâmbio comercial entre **Brasil** e China, economias novas e vibrantes que, juntas, criam um mar de oportunidades, também políticas, se se empenharem na construção de um novo paradigma de colaboração internacional. Onegócio da China, nesse caso, é o futuro.

	VEÍCULO <b>AMAZONAS NOTÍCIAS</b>	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Indústria da <u>Zona Franca</u> de <u>Manaus</u> pode dar férias coletivas devido à falta de insumos japoneses</b>		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

**Qui, 07 de Abril de 2011 07:40**

**Ao menos uma indústria da Zona Franca de Manaus (AM) pode dar férias coletivas a funcionários nas próximas semanas devido à falta de insumos japoneses. O problema é reflexo do terremoto e do tsunami que devastaram parte do Japão há três semanas. Em Manaus, 36 empresas possuem capital japonês. O país é o terceiro maior exportador de insumos para as indústrias do polo, depois da China e da Coreia do Sul.**

As empresas importam partes e peças para aparelhos receptores de sinais de TV, partes e acessórios para motocicletas e para motores, circuitos integrados e máquinas e aparelhos mecânicos. Segundo a Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus), quatro grandes indústrias de capital japonês têm estoques garantido de peças e partes para fabricação de motocicletas e eletroeletrônicos até junho.

Uma empresa sinalizou conceder férias coletivas, disse Gustavo Igrejas, coordenador-geral de acompanhamento de projetos. "Se a empresa não conseguir o fornecimento da matriz no Japão até junho

pode dar férias coletivas", disse. O nome da indústria afetada não foi divulgado. Igrejas disse que as empresas Moto Honda, Yamaha, Sony e Panasonic deram sinal que vão buscar fornecimento de peças da China. Elas empregam, diretamente, mais de 20 mil pessoas.

"Elas dizem que têm até três meses de estoques. A dificuldade é a negociação do fornecimento com a matriz. As fábricas no Japão estão voltadas para o lado social por causa da comoção do desastre", afirmou. Indústrias de outras nacionalidades, instaladas em Manaus, importam peças de mercados asiáticos, incluindo o Japão. A finlandesa Nokia, uma das maiores fabricantes de celulares, informou que pode haver impacto no segundo trimestre. "Mas já estamos buscando alternativas. Saberemos da magnitude desse impacto em abril", disse Jô Elias, diretora de comunicação da Nokia.

	VEÍCULO <b>AMAZONAS NOTÍCIAS</b>	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Porto de <u>Manaus</u> receberá investimentos de R\$ 89,4 milhões</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

**Qui, 07 de Abril de 2011 06:47**

**Investimentos totais de R\$ 740,7 milhões estão sendo realizados em sete portos brasileiros, entre eles o porto de Manaus.**

A aplicação dos recursos tem vistas à preparação para a Copa de 2014, conforme anunciou nesta quarta-feira (6), na Comissão de **Desenvolvimento Regional** e Turismo (CDR), o diretor-geral da Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq), Fernando Fialho.

Os portos que devem receber esses investimentos são os de **Manaus** (R\$ 89,4 milhões), Fortaleza (R\$ 105,9 milhões), Natal (R\$ 53,7 milhões), Recife (R\$ 21,8 milhões), Salvador (R\$ 36 milhões), Rio de Janeiro (R\$ 314 milhões) e Santos (R\$ 119,9 milhões).

As obras visam melhorar a infraestrutura para receber navios turísticos, facilitar o deslocamento de turistas, modernizar estacionamentos e ampliar opções de alojamento, entre outros objetivos.

A senadora Vanessa Grazziotin (PCdoB) lamentou problemas que vêm retardando as obras no porto de **Manaus**, reconhecidos pelo diretor-geral da Antaq.